

APRENDENDO O SER E O FAZER DOCENTE: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS EXTENSIONISTAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO

Italo Rômulo Costa da Silva ¹
Antonia Dalva França Carvalho ²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo central apresentar quais saberes foram produzidos diante da participação dos alunos em projetos de extensão no curso de Licenciatura em Computação da Universidade Federal do Piauí-UFPI na modalidade à distância considerando o cenário de restrições causado pela Pandemia da Covid-19.. A pesquisa é de natureza qualitativa, tipo exploratória. Para obtenção dos dados foi realizado estudo documental em arquivos relativos ao acompanhamento da disciplina de Estágio Supervisionado III e IV e ainda a aplicação de um questionário aos tutores tendo em vista ser esses agentes o contato mais próximos dos discentes no percurso formativo dos cursos a distância. Participaram da pesquisa, tutores de sete polos ofertantes do curso, a saber, seis no estado do Piauí e um no estado da Bahia, quais sejam: Alegrete do Piauí, Campo Maior, Marcos Parentes, Picos, União, Santa Cruz do Piauí, Campo Alegre de Lourdes-BA. Os resultados revelam que no cenário investigado a extensão opera como elo entre ensino e pesquisa produzindo quadros de aprendizagens significativas que repercutem na formação socioprofissional, qualificando a formação docente.

Palavras-chave: Formação docente, Extensão, Licenciatura em Computação - UFPI.

INTRODUÇÃO

A universidade como instituição formativa tem em seu bojo funcional a missão de cumprir diferentes papéis, contribuindo para a construção do perfil profissional e social daqueles que dela participam. Ensino, pesquisa e extensão constitui a tríade acadêmica que quando pactuada, articulada e praticada favorece uma formação integral nos sujeitos tornando capazes de atuar na sociedade de forma crítica e reflexiva.

Apesar de explícito na teoria, muitos programas de ensino superior vinculados à formação de professores, acabam por negligenciar o papel trino das universidades, optando pela exclusividade do ensino e desprezando o potencial formativo das ações de pesquisa e extensão.

¹ Mestrando do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí- PI, italoromuloocsilva@gmail.com;

² Professora orientadora / coautora: Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação. Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí - UFPI. Coordenadora do NIPEPP/UFPI. Email: adalvac@uol.com.br

Tratando exclusivamente sobre as ações de extensão, embora se saiba que este elemento da formação jamais consiga se desvincular dos eixos relacionados ao ensino e pesquisa, é objetivo desse estudo apresentar, a partir da visão de tutores, quais são os ganhos promovidos pela participação dos discentes em projetos de extensão no curso de Licenciatura em Computação da Universidade Federal do Piauí-UFPI na modalidade à distância.

O interesse pela temática surgiu do anseio em compreender o quão significativas foram as experiências vivenciadas no curso supracitado, considerando as mudanças de estratégias didáticas e metodológicas adotadas em decorrência dos novos cenários forçosamente instituído no período de pandemia com vista à continuidade e o cumprimento das atividades do curso em questão.

Para situar o contexto desta pesquisa, é válido pontuar que, em virtude das medidas de proteção sanitária adotadas para conter a pandemia da COVID-19, entre elas o distanciamento social, os estudantes de computação que antes realizavam suas atividades de estágio supervisionado de forma presencial tiveram que se adequar a um novo formato, necessitando optar por uma, entre duas formas de cumprimento do componente curricular, a saber: vincula-se a um programa de *estágio remoto* (acompanhamento de professores e alunos em aulas remotas) ou desenvolver atividades de extensão para públicos específicos, também de maneira virtual.

A modificação das estratégias para o cumprimento das atividades de estágio, no curso em questão, produziu situações de efeito inédito para a formação dos discentes e suscitou o debate a cerca da necessidade de ampliação de ações relativas à extensão em diferentes cenários. A análise, sob o olhar dos tutores, parece-nos assertiva, pois trata-se de atores no campo da educação a distância que geralmente estabelece maior vínculo com os discentes, compartilhando assim de diferentes experiências com esse grupo e consequentemente percebendo os fenômenos com maior proximidade.

METODOLOGIA

Buscando alcançar o objetivo delineado na pesquisa, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa de natureza qualitativa por trata-se de um estudo que busca compreender fenômeno social a partir da percepção dos sujeitos envolvidos no

processo, de modo a entender “os significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”. (RICHARDSON 1999, p. 90).

A pesquisa é do tipo exploratória, pois conforme Gil (1999) tal tipo de pesquisa é desenvolvida com a intenção de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Para obtenção dos dados foi realizado estudo documental em arquivos relativos ao acompanhamento da disciplina de Estágio Supervisionado III e IV e ainda a aplicação de um questionário aberto para um estudo de maior amplitude sobre o fenômeno em estudo.

Participaram da pesquisa, tutores de sete polos ofertantes do curso, a saber, seis no estado do Piauí e um, no estado da Bahia, quais sejam: Alegrete do Piauí, Campo Maior, Marcos Parentes, Picos, União, Santa Cruz do Piauí, Campo Alegre de Lourdes-BA.

Na análise, além da exposição de dados referente aos materiais produzidos no acompanhamento da disciplina, foram também analisadas as falas dos tutores no que se refere as competências e saberes que julgam fazer parte do repertório dos alunos após a participação em ações de extensão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Crise de identidade: apontamentos sobre a Universidade

Boaventura de Souza Santos nas notas introdutórias do texto “A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade” relembra outros escritos de sua autoria em que, voltando os olhos para o século XX, já mencionava crises que atualmente ainda defrontam as universidades.

Entre as crises apontadas, Santos (2004. p.05) menciona a crise de hegemonia das universidades ocorrida pela perda de espaço decorrente “da incapacidade da universidade para desempenhar cabalmente funções contraditórias” de formação das elites intelectuais ao tempo em que se incumbia da tarefa de preparar mão de obra para um sistema capitalista.

O autor destaca ainda a crise de legitimidade aquecida em face da contradição entre a “hierarquização dos saberes especializados através das restrições do acesso e da credenciação das competências” e a terceira, a crise institucional, que posicionava a universidade na luta pelo anseio por “autonomia na definição dos valores e objetivos da

universidade e a pressão crescente” pela demonstração de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social.

Teixeira (1964) ao escrever sobre as funções das universidades faz críticas sobre o modelo em vigor, pontuando haver uma fragmentação das atividades desenvolvidas por ela. Sobre isto Santos (2004, p.46) corrobora com esse pensamento, enfatizando que o tratamento para as crises que afetam a identidade, “devem partir do pressuposto que no século XXI só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. Sem qualquer destes, há ensino superior, não há universidade.”.

O autor assevera a urgente necessidade de se separar o que é universidade em distinção do que apenas possui nomenclatura como tal. O projeto universitário, de formação no sentido global, não se limitar a projeção de instruções que credencia o indivíduo a ocupar espaço em um grupo de formação dita superior em decorrência da diplomação.

Assim para ser Universidade é inegociável que as instituições assim nomeadas cumpram com todas as suas funções basilares: ensino, pesquisa e extensão. Na discussão do próximo tópico nos aprofundaremos na pertinência do olhar sobre as qualidades das ações de extensão como vetor para o robustecimento da Universidade enquanto instituição de formação integral.

A extensão na formação docente: um elo entre o ensino e a pesquisa

Andrade (2019) destaca a necessidade de uma política educacional que posiciona a extensão no mesmo nível de importância do ensino e da pesquisa na formação acadêmica. Para Santos

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade [...] a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural. (SANTOS 2004, p.53)

O alinhamento das Universidades com atividades práticas constitui-se na visão de Boaventura um passo importante para “funcionalizar” a universidade e os que nelas forma e se formam, sem perder de vista a essência do espaço de formação, pois colaborativamente Nogueira (2000) aponta que as atividades de extensão conseguem absorver demandas relacionadas ao ensino e à pesquisa de forma indissociável

destacando que, por meio desse elemento formativo é possível torna o processo de aprender em um ato educativo, cultural e científico viabilizando uma relação sólida entre universidade e sociedade.

Grossi (2004, p. 19) também faz um alerta considerável sobre a necessidade de formar professores com base em situações práticas que envolvam os saberes adquiridos nas universidades, mas que transponham as atividades do âmbito estritamente acadêmico. A autora assevera que “quando formamos professores, nas nossas universidades e faculdades, distantes da base escolar e da prática pedagógica são como se formássemos pilotos sem horas de voo ou diplomássemos médicos sem prática médica”. Consideração alinhada aos escritos de França-Carvalho et al.(2020) que esclarece que

no que tange as políticas de formação de professores, é importante conhecermos a perspectiva teórica que fundamenta os processos formativos, o perfil docente almejado, assim como conhecimentos e saberes necessários para desenvolver com êxito o seu trabalho[...] Assim, os processos formativos devem oferecer experiências por meio das quais os licenciandos possam integrar os conhecimentos pedagógicos e da área de formação ao exercício da prática docente. (p.131)

As autoras tratam especificamente sobre os Programas de Residência pedagógica como forma de aproximação dos docentes em formação ao ambiente prático onde atuarão. Evidencia-se a defesa pelo programa exatamente por ser este constituir em sua essência o objetivo de oportunizar experiências de aperfeiçoamento, em que o ensino acadêmico integra-se às vivências reais gerando novas possibilidades de discussões no campo teórico e prático, ou seja, fomentando ao mesmo tempo o ensino e a pesquisa.

Na dimensão mais ampla, para além dos espaços escolares Severino (2007, p. 23) registra que “a universidade, em seu sentido mais profundo, deve ser entendida como uma entidade que, funcionária do conhecimento, destina-se a prestar serviço à sociedade”. O autor reforça que somente com a articulação de ensino, pesquisa e extensão será possível alcançar tal compromisso. Ora, de que forma, senão pela extensão, o acadêmico poderá experimentar vivências práticas no campo social sendo conduzindo pela sistematização do ensino, ao tempo em que se posiciona como pesquisador para atender os desafios oriundos da prática e refletir sobre sua própria prática?

Dessa forma, entende-se que a extensão opera como elo entre ensino e pesquisa produzindo cenários de aprendizagens significativas que repercutirão na formação

profissional e social do indivíduo atendido pela universidade.

Extensão na Ead: portas abertas pelo distanciamento

Se as reivindicações de uma formação baseada na prática e na proximidade com a realidade social é uma demanda altamente requisitada nos cursos de formação realizados de forma presencial, maiores ainda são os posicionamentos relativos à formação de professores no âmbito da Educação a Distância (Ead), pois em muitos casos, a distância das relações concretas de aprendizagem são ainda maiores.

Em defesa das ações de extensão na modalidade Ead, Almeida *et al* enfatiza que

a extensão, assim como a pesquisa, deve fazer parte do cotidiano dos cursos a distância ministrados pela universidade, insere-a no mesmo horizonte em que são ofertados os cursos presenciais. O aluno do curso a distância deve ser um aluno universitário completo, ou seja, ter acesso aos três eixos formativos inerentes às universidades públicas brasileiras: ensino, pesquisa e extensão. (Almeida et al.2020 p.134)

O fato de fazer parte da universidade pela modalidade Ead em nada deveriam reduzir as oportunidades e responsabilidades que integram a formação do estudante que opta ou necessita forma-se por esta conjuntura organizativa de ensino. “O aluno do curso a distância deve ser um aluno universitário completo, ou seja, ter acesso aos três eixos formativos ofertados pelas universidades públicas brasileiras, ensino, pesquisa e extensão” (ALMEIDA et al.2020 p.134).

Considerando a relevância das ações de extensão para a formação universitária e observando os cenários do ano de 2020, e a mesma configuração ainda persiste em 2021, nota-se uma variação de contexto educacional antes inimaginável, ao menos na intensidade como as ações se fazem.

A educação realizada com auxílio dos recursos tecnológicos, de fato não se constitui como uma novidade, mas a integralização por completo de modelos educativos de forma virtual é um grande desafio que, ao tempo em que revela as deficiências de uma sociedade com exigências tecnológicas operando de forma analógica, também atua como fator para quebra de paradigmas.

A respeito disso, é válido citar, por exemplo, que a Resolução n.º 085/2020 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão / UFPI regulamentou, ainda que em caráter excepcional, a oferta de componentes curriculares para o período 2020.1 / 2020.2, no formato remoto, em função da suspensão das atividades presenciais em decorrência da

pandemia do novo coronavírus - COVID-19. Fruto dessa deliberação, com vistas ao prosseguimento das atividades, a disciplina de estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Computação ofertado via Ead sofreu alterações, sendo proposto aos alunos o cumprimento do componente curricular sob dois formatos, a saber: estágio remoto (acompanhamento de professores e alunos em aulas remotas) ou atividades de extensão para públicos específicos, também de maneira virtual.

Diante da impossibilidade da realização dos estágios de modo presencial, como convencionalmente ocorria, as estruturas organizativas foram expostas a alterações. O distanciamento, neste caso, interferiu diretamente no modelo da oferta da disciplina de estágio, e dada à mudança, visando ampliar as formas de acesso e cumprimento do componente curricular, inovou-se, permitiu-se a opção por uma variação no modelo de estágio, desta feita com formato remoto, mas também abriu-se portas para que muitos alunos viesse a conhecer a dinâmica de funcionamento de um programas de extensão da universidade, sendo alcançados por um dos “braços” da tríade acadêmica talvez nunca lhes apresentado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em função da Pandemia do COVID19, seguindo as resoluções internas da UFPI, conforme previsto pela Portaria MEC n.º 544, de 16 de junho de 2020, que tratou da substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, por quanto tempo perdurasse o estado de pandemia, o curso de Licenciatura em Computação do Centro de Educação a Distância (CEAD/UFPI), através da modalidade de curso de extensão, criou condições para conclusão do estágio supervisionado para os alunos do período 2020.1 e 2020.2.

A figura 01 expõe os dois formatos disponibilizados aos discentes do curso supracitado, viabilizando a participação das atividades relativas à disciplina de estágio supervisionado.

Figura 01: Percurso prático da disciplina de Estágio Supervisionado.



Fonte: Material de formação para tutores (2020).

Com percurso eminentemente prático, as etapas relacionadas à modalidade de projeto de extensão detinha um fator a mais para execução do programa da disciplina: a preocupação em gerenciar ações que tinha como público alvo pessoas de fora da academia.

Pesquisa, planejamento, produção, divulgação, agenciamento de público, gerenciamento e organização de evento, exposição de conhecimento, além da prestação de contas das ações desenvolvidas para com os responsáveis pela avaliação das atividades e, sobretudo com o público participante das atividades organizada pelos estudantes, tornam as ações extensionista atividades desafiadoras para alunos da graduação, mas que promovem uma integralização da tríade necessária para a formação docente: extensão com vínculo estrito a pesquisa e ao ensino.

Conforme dados obtidos em documentos de controle da disciplina nota-se a expressiva participação no cumprimento do estágio através do formato - projeto de extensão.

Tabela 01: Distribuição de alunos por modalidade: Estágio remoto ou projeto de Extensão

Polo	ESTÁGIO REMOTO		PROJETO DE EXTENSÃO	
	2020.1	2020.2	2020.1	2020.2
Alegrete do Piauí	28	26	00	02
Campo Alegre de Lourdes-BA	00	00	22	22
Campo Maior	03	02	16	16
Marcos Parentes	23	20	00	02
Picos	10	09	02	03
Santa Cruz do Piauí	16	15	00	00
União	22	20	04	04
TOTAL	102	92	44	49

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

É prematuro indicar que o decréscimo no número de alunos da modalidade estágio remoto no período de 2020.2 em comparação ao período anterior e a elevação do quantitativo dos discentes da modalidade projeto de extensão em 2020.2 é unicamente em decorrência dos formatos apresentados, pois outros fatores certamente influenciaram essas escolhas.

Mas se nos concentrarmos a observar o número de evasões do grupo de alunos no comparativo de estágio remoto e projeto de extensão será possível perceber que o grupo de alunos que optaram pelo processo de cumprimento de estágio pela modalidade remota decresceu em termos percentuais em 10%. Como já foi mencionado, não é

possível dimensionar todas as variantes que culminou com essa redução.

Já na variação do número de matrículas relacionadas a modalidade *projeto de extensão* foram acrescidos em 20% o quantitativo de participantes, ou seja, além de não ocorrer evasão no período 2020.2 ainda ocorreram novas adesões ao formato.

Quando a comparação é realizada em termos totais, o quantitativo de alunos matriculados no período 2020.1 alcança 146 discentes, já no período 2020.2 há uma redução de 05 alunos perfazendo um total de 141 matrículas. Considerando que há uma elevação no número de matrículas na modalidade projeto de extensão é possível afirmar que alunos que desistiram de cursar o componente curricular no período seguinte estavam no grupo que optou pelo estágio remoto, informação confirmada após consulta à lista de alunos por polo.

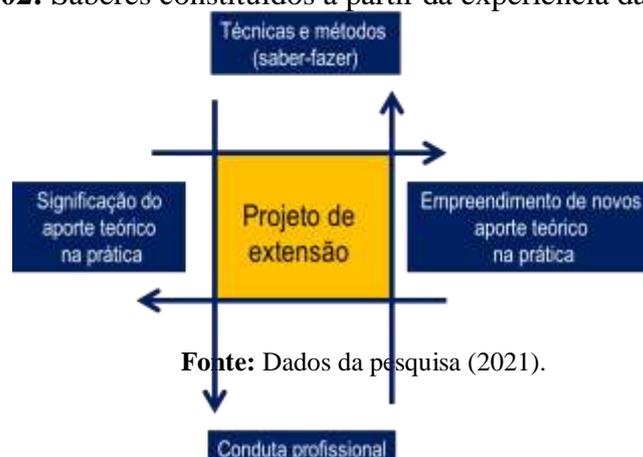
A permanência no grupo de projeto de extensão nos leva a cogitar que a experiência no formato foi de fato positiva, visto que no período subsequente ao de 2020.1 todos os alunos matriculados na modalidade renovaram o ingresso da disciplina, em outro módulo, através das ações de extensão.

Nesse formato de execução da disciplina, aos tutores a distância competia o acompanhamento, suporte e apreciação da desenvoltura dos alunos durante todo o processo de estágio, seja pela modalidade estágio remoto ou via projeto de extensão.

Em questionário aplicado, indagou-se quais saberes, competências, habilidades e/ou condutas os tutores acreditavam fazer parte perfil dos docentes em formação adquiridos, ou aguçados em virtudes da experiência vivenciada nos projetos de extensão. As indicações relatadas seguem demonstradas na figura 02.

A partir das falas dos tutores foram delineados em quatro campos, os saberes que decorre da participação nos projetos de extensão conforme apresentação da figura 02.

Figura 02: Saberes constituídos a partir da experiência das ações extensionista.



Os tutores manifestaram que a vivência dos alunos nessa situação de aprendizagem engendra nos discentes, possibilidades de desenvolvimento de diferentes saberes, são eles: aprimoramento de técnicas e métodos; significação do aporte teórico na prática; empreendimento de novos aportes teóricos na prática e Conduta profissional.

De maneira geral é possível posicionar todas as qualificações citadas pelos tutores no grupo de saberes apontados por Tardif (2011) quando este descreve os saberes como conhecimentos, competências, as habilidades (ou aptidões) e atitudes dos docentes ou daqueles que formam-se para assumir esta posição, situando-os no grupo do que “ muitas vezes é chamado de saber, de saber-fazer e de saber ser” (TARDIF, 2011, p. 60).

De forma didática, considerando a divisão feita pelo autor seria possível reagrupar as qualificações que se observou diante da submissão dos alunos às ações extensionista conforme manifestação dos tutores. No grupo do Saber aportaria a *significação dos aportes teóricos na prática e do empreendimento de novos subsídios teóricos*. O saber-fazer abarcaria o que os tutores consideraram como a execução de ações baseadas e *métodos e técnicas*, e quanto a elemento *conduta profissional* estaria contemplado pelo saber-ser.

É importante registra que, pelas falas dos tutores, notou-se que o cumprimento da disciplina de estágio supervisionado por meio de uma ação de extensão exigiu maior engajamento dos alunos, inclusive em campos não explorados no transcorrer do curso,

Não foi apenas uma atividade. Os alunos passaram de coadjuvante a ator principal. “Nas salas de estágios eles são conduzidos pelos professores, aqui (projeto de extensão), as ideias saem deles, o pensamento sobre a organização da ação vem deles, as estratégias materiais técnicas são escolhidas por eles. E mais que isso, foi percebido que aqui (projeto de extensão) o que eles aprendiam na teoria passou a ter sentido na prática , e na pratica eles perceberam a necessidade de novas teorias. O aluno que estava se formando professor experimentou também a chance de forma-se pesquisador. Talvez, não sei, não fosse possível nos primeiros estágios utilizar a extensão, mas nos últimos módulos do estágio eles já estaria maduros para o desafio.” (TUTOR- SUPERVISOR DE ESTÁGIO)

A proficuidade da experiência do trabalho realizado com os alunos por meio das ações extensionistas ganha repercussão na fala de Tardif, pois de acordo com o autor

[...] um saber é sempre ligado a uma situação de trabalho com outros (alunos, colegas, pais, etc.), um saber ancorado numa tarefa complexa (ensinar), situado num espaço de trabalho (a sala de aula, a escola), enraizado numa instituição e numa sociedade (TARDIF, 2011, p. 15).

Há uma complexidade que é inerente ao trabalho docente. A pluralidade com a

qual o trabalho do professor é realizado, considerando como é feito, com quais intenções são empreendidas as ações, a quem se destina as ações pensadas e realizadas e todos os vieses que podem afetar esta ação, torna-se imperativo que seja oportunizado aos professores em formação as mais ricas oportunidades de experienciar cenários diversos de sua prática.

Destarte, considerando que a pluralidade em que se constitui os saberes dos professores são saberes e principalmente a proveniência destes de fontes variadas” (TARDIF, 2011), consideramos que lançar mão de práticas extensionista como ação permanente no curso em questão, e nos arriscamos a indicar que nos cursos de licenciatura de forma geral, promoverá ganhos aos estudantes futuros professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade é um ambiente de formação que, dado a sua natureza, necessita promover múltiplas possibilidades de formar o indivíduo sobre diferentes dimensões (profissional, social, políticas e sobremodo humana). Estas possibilidades são oferecidas por meio dos eixos de ação da universidade: ensino, pesquisa e extensão que se complementam para oportunizar aos discentes condições necessárias para o seu desenvolvimento socioprofissional.

Articular estes eixos torna-se um desafio para os cursos, dado a centralidade de ações vinculadas ao ensino, cuja carga horária é ampla. Ainda assim, o curso de Licenciatura em Computação, organizou seu Projeto Pedagógico de modo que fosse possível agregar estes eixos de ações, oferecendo oportunidade para o aluno desenvolver ações relativas ao eixo da extensão.

No contexto deste estudo, ficou evidenciado que a experiência em projeto de extensão, como um dos caminhos possíveis de formação, floresceu novas possibilidades que permitiu aos alunos a “aprender a fazer”, fazendo, isto é, desenvolvendo técnicas e métodos com base no que aprendiam ao longo do curso. Além disso, permitiu a validação de muitos conceitos teóricos na prática, havendo a possibilidade de significação dos conhecimentos acadêmicos e ainda do empreendimento em busca de novos aportes teóricos para superar desafios que surgiam ao longo da ação extensionista.

Os quatro elementos citados culminaram na elaboração de uma nova postura dos

discentes cujo entendimento do ser professor, está vinculado ao “ser pesquisador”. Isso quer dizer que as atividades extensionista proporcionaram o desenvolvimento a compreensão de que para atuar no campo profissional, há a necessidade de se assumir na prática docente uma conduta contínua de professor-pesquisador. Portanto, podemos inferir que as práticas extensionistas quando fomentam, simultaneamente, o ensino e a pesquisa, promovem a articulação teoria e prática, qualificando o processo de formação docente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. M. M. **A extensão universitária e a democratização de ensino na perspectiva da universidade do encontro**. 2019. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, PUC-RS, Porto Alegre, 2019
- BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. PORTARIA Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020 **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19**, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020.
- FRANÇA CARVALHO, A. D.; MELO, R. A.; DE OLIVEIRA, L. X. A relação teoria e prática no programa residência pedagógica da Universidade Federal do Piauí. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 12, n. 25, p. 123-136, 22 dez. 2020.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999
- GROSSI, E. P.. (Org.). **Por que ainda há quem não aprende?** – A Política. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- NOGUEIRA, M. das D. P. (Org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e Políticas**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- TEIXEIRA, A.. **Funções da universidade**. *Boletim Informativo CAPES*. Rio de Janeiro, n.135, Fev. 1964. p.1-2.
- SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev e atual. São Paulo: Cortez, 2007.